

Vivendo e morrendo no lixo



Não podemos nos esquivar de falar sobre isso, sobretudo após a última semana, com as notícias vindas do Rio de Janeiro. A cada noticiário, imagens de uma morte anunciada, parece um clichê, mas não é possível que todos, população e autoridades, deste e de governos passados, não tivessem previsto todas essas tragédias. Qual a diferença entre população e poder público? Duas palavras me veem à cabeça: "falta de opção!" A população carente vai sendo empurrada para essas áreas "de ninguém", "ocupações irregula-

res"... Como assim? Mesmo que as moradias sejam barracos, há água, luz, ruas e até mesmo creches nessas áreas!

É assustador pensar que tudo isso afeta diretamente aqueles que menos consomem e que, portanto, não produzem esse lixo todo que é depositado de qualquer jeito em qualquer lugar! Essa sociedade de consumo, que consome gente, obriga as pessoas a consumirem cada vez mais. Os que nada têm podem viver muito longos dias recebem os resultados desse obscuro esbanjamento da festa do consumo.

É mais assustador, ainda, que nossa felicidade seja medida pela nossa capacidade de con-

sumo. Leia-se "capacidade de gerar lixo!" Alguns podem pensar que seria muito bom que todos tivéssemos acesso aos bens e à tecnologia que os norte-americanos e a maioria dos europeus têm. Teríamos que habitar de 3 a 5 planetas Terra. Imagine que 5% da humanidade consome 30% dos recursos, caso dos americanos. Eles são mais felizes? Será que sua felicidade pode ser medida em número de armas ou em drogas consumidas também?

E para aliviar um pouco nossa consciência. "Sr. Prefeito de Niterói e outros tantos: por enquanto os terremotos e tsunamis não são culpa nossa. Ainda não temos esse poder". Ufa! Que alívio, menos uma culpa!